



## O NACIONALISMO CORPORATIVISTA DE CAIO PRADO JÚNIOR

Ricardo Rodrigues Alves de Lima<sup>1</sup>

ALBERTO, João. *O nacionalismo corporativista de Caio Prado Júnior*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2013.

Caio Prado Júnior (1907-1990) é um clássico da historiografia brasileira e sempre foi considerado um dos expoentes do marxismo no Brasil. Neste livro, tais assertivas estão apresentadas e problematizadas no estudo que o professor João Alberto faz sobre o conjunto da obra do pensador paulista. O livro apresenta-se como uma introdução sistemática, uma descrição crítica dos múltiplos aspectos que a *pradiana* formulou conjuntamente com uma problematização da trajetória política de Caio Prado Júnior. Contudo, para além da descrição introdutória, o autor formula no livro uma nova hipótese explicativa sobre esse conjunto de obra e trajetória intelectual. Ao contrário do que é habitual nos estudos historiográficos sobre o Caio Prado Júnior marxista, o autor mostra-nos outra possibilidade interpretativa: o modelo analítico pradiano estruturando um projeto político de bases nacionalistas e corporativistas. Um Caio Prado Júnior eclético que com alguns aportes metodológicos marxistas, especialmente os do marxismo soviético e outros da sociologia positivista durkheimiana formulou um projeto político nacional-corporativista para o Brasil. Um pensador político, portanto. Demonstrar que a visão de mundo política pradiana era nacionalista e corporativista é o propósito central do livro.

<sup>1</sup> Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFG. Bolsista CAPES.

Na introdução o autor apresenta uma sumária caracterização dos principais estudos historiográficos que a universidade brasileira já dedicou à *pradiana*. Tais estudos são indagados criticamente, é uma síntese interessante, mas o autor poderia ter ampliado o debate das suas teses ao longo dos demais capítulos em confronto com as teses desses outros estudos, certamente que com isso daria maior ênfase ao contraste que a sua argumentação apresenta.

O livro está dividido em cinco capítulos. Para caracterizar os seus critérios conceituais na definição do que seria uma visão de mundo política, o autor escuda-se no argumento historiográfico de Lucien Goldmann, o pensador romeno-francês que percebia a estruturação de “visões de mundo” como expressões institucionais de classe, isto é, a perspectiva histórica da posição e situação de classe do intelectual produtor de teoria e as estruturas significativas de sua obra que da coerência e do máximo de consciência possível da mesma afirmam-na como expressão síntese de uma visão de mundo de classe social. Na tese que o autor apresenta no livro, a obra de Caio Prado Júnior sustenta-se como expressão de uma *visão de mundo tecnocrática*. E para dar sistematicidade descritiva às efetivas circunstâncias de classe de Caio Prado Júnior, o autor encontrará no modelo analítico de João Bernardo, pensador marxista português, as ferramentas conceituais, sistematizadas em vasta obra historiográfica, que lhe facultam a caracterização dos gestores-tecnocratas como classe dominante capitalista. Assim sendo, o nacionalismo corporativista (definidos no capítulo junto à obra de Emile Durkheim e Mihail Manoilescu) percebido como estrutura significativa da *visão de mundo tecnocrática* apresenta-se como conteúdo ideológico estruturante das práticas de classe dos gestores-tecnocratas na história institucional do Brasil (da década de 1930 a 1970). A se lamentar neste capítulo é a sumaríssima remissão do corporativismo junto à obra de Durkheim, o autor poderia ter elaborado uma exposição mais cuidadosa da questão analisando, por exemplo, na obra de Durkheim, um livro como *O Socialismo*, publicado em 1928 e amplamente lido e discutido no ambiente intelectual em que Caio Prado Júnior esteve envolvido na década de 1930, tanto no Brasil como na França.

No segundo capítulo, para dar sustentação ao argumento teórico que sugere a factibilidade histórica dos gestores-tecnocratas como classe dominante e a visão de mundo tecnocrática na organização da revolução capitalista brasileira, a partir das décadas de 1920 e 1930, o autor apresenta algumas trajetórias de

personagens históricos (Azevedo Amaral, Oliveira Viana, Góes Monteiro e Elias Chaves Neto) em percursos ideológico-institucionais comparados e junto a esses, obviamente, a trajetória de Caio Prado Júnior em maior detalhe descritivo. Aqui, o autor mobiliza sua argumentação para demonstrar como discursos e práticas ideológico-institucionais de personagens tão “dísparos” entre si podem justificar a visão de mundo tecnocrática apresentada quase que em voz “uníssona” junto ao projeto institucional da tecnocracia varguista.

A obra de Caio Prado Júnior está composta por doze livros e inúmeros artigos e ensaios publicados em revistas e jornais ao longo das décadas de 1930 e 1970. É uma produção vasta e com particularidades temáticas bastante significativas. O pensador paulista é comumente percebido como historiador, entretanto, dos doze livros publicados apenas três são trabalhos efetivamente historiográficos (é claro que a perspectiva histórica perpassa todo o conjunto da obra), os demais títulos caracterizam-se como trabalhos de Economia Política, Geografia e Filosofia, aliás, conforme afirma o autor, a considerar o conjunto da obra, o destaque nas preocupações de Caio Prado Júnior foi a Filosofia, a Epistemologia, em livros publicados principalmente na década de 1950 (*Dialética do Conhecimento*, 1952 e *Notas Introdutórias à Lógica Dialética*, 1959). Frente a esse quadro de publicações o autor indaga que Caio Prado Júnior, apesar de ser reconhecido como um dos intelectuais fundamentais do Brasil é na verdade, um autor com uma obra pouco conhecida. Os demais capítulos do livro tratam desse conjunto de obra. Conforme o autor, praticamente nenhum dos estudos já feitos sobre a *pradiana* partiu da perspectiva de considerá-la na integralidade do seu conjunto e essa perspectiva de abordagem torna-se muito interessante na sequência da leitura dos capítulos do livro, porque o nacionalismo corporativista e o positivismo metodológico de Caio Prado Júnior aparecem com bastante ênfase na descrição analítica que o autor faz da *pradiana*.

Na década de 1930, mais especificamente no ano de 1935, Caio Prado Júnior teve grande participação na organização do movimento aliancista, movimento político que mobilizou a opinião pública em torno de um ideário nacionalista e anti-imperialista. Para o autor, o momento da Aliança Nacional Libertadora (ANL) foi determinante para a estruturação da concepção do nacionalismo pradiano. Comparativamente, o autor demonstra no terceiro capítulo como o argumento pradiano cristalizado em 1935 (quando Caio Prado Júnior foi o vice-presidente da ANL em São Paulo) numa série de artigos que publicou em jornais aliancistas (como o jornal *A Platéia*) tornou-

-se o epicentro político da pradiana ao longo do seu percurso até a década de 1970. Para o autor, Caio Prado Júnior definiu o estatuto político da sua obra sob a perspectiva de um capitalismo nacional anti-imperialista centrado num Estado Nacional corporativista nas lutas políticas do aliancismo “nacional-libertador”. Para justificar o seu argumento, o autor demonstra como outras publicações de Caio Prado Júnior, algumas muito conhecidas (por exemplo, o livro *A Revolução Brasileira* [1966]) e outras absolutamente ignoradas pelos estudiosos da pradiana (em livros como *Diretrizes para uma política econômica brasileira* [1954] e *Esboço dos fundamentos da teoria econômica* [1959]) reiteravam-lhe a perspectiva do nacionalismo aliancista, e é nesse estudo comparado das obras sob a lógica das determinações institucionais a que o pensador se via envolvido nas diferentes conjunturas que se apresenta no terceiro capítulo o sentido nacional-corporativista do pensamento político *caiopradiano*.

Caracterizada a essência do projeto político *pradiano*, o autor faz nos próximos capítulos uma análise da perspectiva historiográfica e filosófica do pensador. A produção historiográfica como justificativa teórico-empírica do nacionalismo corporativista, e nesse sentido é muito interessante a argumentação apresentada pela caracterização da perspectiva racista e autoritária de Caio Prado Júnior junto ao seu livro mais conhecido – *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), livro em que se encontram, conforme João Alberto, os fundamentos do corporativismo (durkheimiano) *pradiano*. Com a produção historiográfica justificavam-se as bases teórico-programáticas do projeto político, e com a produção filosófica, o projeto político para o pós-revolução brasileira, quando o Brasil pela tipicidade altruística do seu “capitalismo corporativista” poderia vir a inserir-se no quadro global do mundo do socialismo soviético, que João Alberto define como um modelo de capitalismo de Estado corporativista, especialmente pelas práticas do stakhanovismo (o taylorismo-fordista soviético), gerenciadoras da organização produtiva do capitalismo soviético, que Caio Prado Júnior celebrou com bastante entusiasmo no livro – *O Mundo do socialismo* (1963).

O último capítulo do livro é o mais interessante, mas, infelizmente, no momento em que a descrição da obra poderia ter sido muito mais ampla (já que a perspectiva filosófica de Caio Prado Júnior é completamente ignorada, mesmo tendo escrito dois livros que somam mais de mil páginas publicadas), o autor apresenta-nos um capítulo bastante resumido na argumentação. Nesse capítulo

apresenta-se analiticamente a epistemologia do marxismo pradiano, principalmente naquilo que o pensador definiu em 1952 como “Lógica Dialética Positiva”, isto é, uma dialética que ultrapassava Stálin sendo que esse já tinha ultrapassado Lenin e esse ultrapassado Marx e Engels. Espante-se o leitor, mas o sentido é exatamente esse: conforme João Alberto, o marxismo pradiano era evolucionista no seu sentido utilitário-pragmático, marxistas “ultrapassando” gerações de marxistas anteriores, enfim, um argumento radicalmente positivista para a definição do sentido do marxismo. A Lógica Dialética Positiva caracterizada como um “marxismo” da fisiologia do cérebro, João Alberto mostra-nos como Caio Prado Júnior encontrou na Fisiologia cerebral e na Psicologia do comportamento os fundamentos de uma “lógica dialética” positivista para o “novo” homem que a especificidade do corporativismo brasileiro (um homem naturalmente altruísta porque não desestruturado pelos vícios do liberalismo [que “impõe” as práticas “egoístas” aos indivíduos em sociedade], que pela situação de permanência das estruturas do colonialismo no Brasil, nunca pôde ser [o liberalismo] um projeto societário para o Brasil), superador dos entraves do colonialismo-imperialista (daí que para João Alberto, a revolução brasileira em Caio Prado ser de natureza nacional-corporativista).

Previsto para ser o primeiro de uma série de livros sobre autores clássicos da historiografia brasileira, este livro do professor João Alberto apresenta-nos uma provocação crítica e fecunda ao legado de Caio Prado Júnior frente ao quadro geral do pensamento social brasileiro. A tese central que a obra do grande pensador paulista deveria estar associada e perspectivada junto à cultura do pensamento corporativista autoritário e não mais a um celebratório e acrítico “marxismo original” brasileiro é mesmo um convite ao debate. E esperamos que esse debate realmente aconteça.